

Lápis na mão, idéia na cabeça

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Os jovens de São Sebastião não param. Produzem, reciclam, pintam, cantam e representam — literalmente. E, por meio das artes, exercem a cidadania. Os alunos do Centro Educacional de São Sebastião, mais conhecido como Centrão, fecharam o ano com uma bagagem de projetos que unem as artes ao conteúdo curricular. A produção foi reunida no Almanaque Novo Papel, organizado pelas professoras Leísa Sasso e Ghisa Pôrto, que coordenaram a maioria dos trabalhos. O livro será lançado hoje, no Congresso Nacional.

O Centrão atende cerca de 2,2 mil estudantes do ensino médio, nos três turnos. Na reta final do ano letivo, alunos e professores vêem o livro como sinal de reconhecimento do trabalho desenvolvido em 2004. Para que a maioria dos projetos se concretizasse, a comunidade escolar teve de tirar dinheiro do próprio bolso e lutar por patrocínio de empresários. Nem sempre a contribuição era suficiente para levar a proposta até o fim.

O projeto Paredes Didáticas, por exemplo, teve de ser interrompido por falta de verba para comprar tinta. “Chegamos a trabalhar com material vencido, porque era mais barato. Mesmo assim, não houve como concluir”, reclama Leísa.

Arte nos muros, cordéis e poemas se transformaram em instrumentos para os alunos desenvolverem o senso crítico. Aluna do 3º ano, Adriana Andrade de Souza, 18, acredita que se tornou mais politizada com as discussões promovidas depois de cada trabalho: “Digo que São Sebastião é um lu-

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB/24.11.04



ALUNOS COMEMORAM O RESULTADO DO TRABALHO: ARTES NAS PAREDES, CORDÉIS E POEMAS DESPERTAM SENSO CRÍTICO

gar ruim, mas com gente boa. Nosso dever é buscar melhorias para nossa vida”.

Escola melhor

Adriana deixará o Centrão no final do ano. Diz que sairá da escola com menos preconceitos, mais preparada para a vida. A adolescente espera que os próximos alunos consigam manter o ritmo instalado neste ano: “Deixo filhos por aqui. Ficaria feliz em ver que os projetos que começamos ganharam força e asseguraram uma escola melhor.”

O Almanaque Novo Papel foi apresentado à Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, que decidiu editá-lo e fazer uma impressão simbólica de cem exemplares. O livro será

lançado hoje, às 18h, no Espaço do Servidor. A Secretaria de Educação fará uma tiragem maior, de quatro mil exemplares. Os livros serão distribuídos para os 2,2 mil alunos da escola e outros centros de ensino da rede pública.

De acordo com o diretor de Ensino Médio da Secretaria de Educação, Carlos Santiago, o exemplo da escola é importante por ressaltar o caráter interdisciplinar e por contextualizar os projetos com a realidade social dos alunos. “Percebemos uma mobilização grande da comunidade nos projetos da escola, que não são vistos apenas como atividades didáticas. Isso é gratificante”, declarou.

Mesmo antes do fim do 4º bimestre, Leísa e Ghisa pensam em projetos maiores, como a criação

da primeira biblioteca pública da cidade. Já ganharam o apoio da Funarte, que prometeu doar um exemplar de todas as publicações que edita, para enriquecer o acervo. As professoras também pensam em desenvolver o projeto *Minha escola, meu lugar*, para dar cores vivas aos muros e fachadas das casas que circundam a escola.

Assegurar um espaço cultural para a cidade também está na lista de prioridades da escola para 2005. Para o estudante Cleiton Pereira Luz, 18, a dificuldade de acesso à cultura depende de uma mobilização social. “A comunidade precisa entender que a cultura pode nos dar a melhoria social que esperamos. Com ela, conseguimos superar a violência e a discriminação que nos cerca.”

PODER DE TRANSFORMAÇÃO



ENSINANDO A SONHAR

Ghisa Pôrto (E), 40 anos, é mineira, de Patos de Minas. Formada em Artes Cênicas, trabalhou por 14 anos como professora do ensino especial. “Foram anos incríveis de minha carreira. Lá aprendi que todos têm um potencial específico, que precisa ser trabalhado.” Há dez anos, Ghisa está no quadro da Secretaria de Educação. Casada e mãe de três filhos adolescentes, a professora enxerga no ensino um caminho para modificar realidades duras, como a de São Sebastião. “Vemos jovens mudarem a forma de agir e de pensar a partir do conhecimento que recebem. Procu- ro ensiná-los a sonhar, e, principalmente, a transformar esses sonhos em realidade, independentemente do meio em que vivem.”

PRODUÇÕES FANTÁSTICAS

Leísa Sasso (D), 40, é gaúcha de Porto Alegre e está em Brasília desde 1974. Passou pelos cursos de Antropologia e Letras na Universidade de Brasília, antes de optar pelas Artes Plásticas, que cursou na UnB e na Universidade de Lion, na França. Casada e sem filhos, dedica a vida profissional ao ensino de jovens. “Digo que troquei os pincéis por 600 mãos, que podem produzir coisas muito mais fantásticas do que eu sozinha.” É chamada carinhosamente pelos alunos de *Leísa, a Louca*. Ela se emociona ao falar dos talentos que descobre dentro da sala de aula. “Choro todos os finais de ano quando vejo grandes potenciais artísticos morrerem atrás de um caixa de supermercado.”

COLEÇÃO DE SUCESSOS

Rádio Centrão

● A idéia partiu de um trabalho sobre os meios de comunicação. Com uma mesa de som, dois microfones e duas caixas amplificadoras, os alunos montaram uma rádio, para funcionar durante os intervalos. O sucesso foi tão grande que o programa tornou-se permanente no turno matutino e tem apresentações esporádicas no noturno. Além de músicas, os alunos fazem classificados e apresentam informações sobre a cidade e a escola.

Paredes Didáticas

● Muros da escola foram ornamentados com imagens que evocassem conceitos de diversas disciplinas. Em uma

das paredes, os alunos reproduziram obras de pintores do Modernismo, como Lazar Segall, Van Gogh, Salvador Dalí, Miró, Tarsila do Amaral e Picasso.

Festival de Curtas

● Quando estudaram a linguagem do cinema, os alunos produziram curtas de um minuto para falar sobre os problemas da comunidade. A produção era precária e contava apenas com a câmera caseira de uma das professoras. Os vídeos foram apresentados num festival, no aniversário da escola, comemorado no dia 8 de julho.

Sobrinhos do Seu Tião

● O grupo de teatro da escola,

fundado em agosto de 2003, montou o musical infantil *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque, a partir do conto dos Irmãos Grimm. A peça foi apresentada no IV Seminarte, da Faculdade Dulcina de Moraes, em novembro.

Fanzines

● O Centrão aderiu à campanha antitabagista e desenvolveu cartazes alertando sobre o consumo de cigarro e drogas. Os fanzines foram produzidos de forma interdisciplinar e expostos na entrada do colégio.

Oficina Papel Novo

● Para reaproveitar o papel inutilizado, os alunos e professores resolveram ocupar

a cozinha da escola e montaram uma oficina de reciclagem. Provas e documentos sem valor foram transformados em folhas para cartões e em esculturas contando mitos e lendas brasileiras. As peças foram espalhadas pelos jardins da escola.

Cordel

● Depois de visitar uma exposição do escritor e xilogravurista J. Borges, os alunos se empenharam em produzir cordéis, com paródias de canções ou poemas e imagens de xilogravura. A proposta era abordar temas polêmicos da cidade e grande parte dos cordéis falou sobre a luta

contra a hantavirose.

Tarô

● Os alunos produziram baralhos de tarô como instrumento para trabalhar conceitos de mitologia, além de aprender a relacionar imagens e sentimentos. O projeto também foi usado para discutir a tolerância religiosa, fanatismo e mistificação.

Fotonovela

● Para trabalhar conceitos do impressionismo, os alunos tiveram que produzir fotonovelas. Nos trabalhos, grupos puderam discutir questões polêmicas como preconceito racial, desemprego e

homossexualismo.

Cinema na Escola

● Ao longo do ano, alunos puderam assistir a filmes que estavam no circuito comercial, gratuitamente. Entre eles, *Cazuza — O filme*, *Frida*, *O sorriso da Mona Lisa* e *Lisbela e o Prisioneiro*.

Feira de Ciências

● Mostra de trabalhos e instalações dos alunos, baseados nos conhecimentos teóricos apresentados por diversas disciplinas. Num dos trabalhos, os alunos montaram uma trama com barbantes. O público era obrigado a passar pelo emaranhado para conseguir assistir a vídeos de animação.